



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 20, janeiro a junho de 2008

**AUTO-ORGANIZAÇÃO, SISTEMA ABERTO E COMPLEXIDADE: REFLEXÕES
PARA UMA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA**

Julio Cesar Touguinha de Almeida¹

RESUMO

O presente estudo está embasado no entrelaçamento do pensamento complexo de Edgar Morin com as metáforas de outras disciplinas como a Física, Biologia, Cibernética, Teoria da Informação e Teoria Geral dos Sistemas abordados por Luis Hornstein (1996) para a obtenção de uma psicanálise contemporânea que muito pode contribuir para a discussão da auto-organização do sistema psíquico e a Educação Ambiental. Para tanto, admite-se a idéia de um psiquismo como sistema aberto onde conceitos como entropia, incerteza, ordem, desordem, complexidade, auto-organização e identificação propõem uma mudança no pensar, na busca de um novo paradigma científico que procura ressaltar as retroações que envolvem o homem e suas relações com o seu mundo interior e exterior que sempre supõe a compreensão e a consciência de pertencimento ao planeta Terra.

Palavras-chave: auto-organização, acaso, sistema, identificação.

¹ Doutor em Ciências Empresariais, professor do Departamento de Física (FURG), cotplanal@mikrus.com.br.

ABSTRACT

The present study is based in the interlacement of Edgar Morin complex thought with the metaphors of other disciplines as the Physics, Biology, Cybernetics, and Theory of the Information and General Systems Theory approached by Luis Hornstein (1996) for the search of a contemporary psychoanalysis that a lot can to contribute for argument of the auto-organization of the psychological system and Environmental Education. Inasmuch, the idea of a psyche is admitted as an open system where concepts as entropy, uncertainty, order, disorder, complexity, auto-organization and identification propose a change in thinking, in the search of a new paradigm which tries to emphasize retroactions that involve the man and the relationships with his interior and external world that always supposes the understanding and the conscience of his belonging to the Planet Earth.

Keywords: auto-organization, random, system, identification.

1-INTRODUÇÃO

Vivemos o início de uma nova ordem social, que exige uma modificação do pensamento que obrigatoriamente passa pelo conhecimento científico. Trata-se de uma modificação paradigmática que sempre busca em alguns imperativos a relação da inseparabilidade e as inter-retroações entre qualquer fenômeno e seu contexto, principalmente quando se trata da relação do homem consigo mesmo e seus conseqüentes efeitos no meio ambiente.

Tal modificação, segundo Morin (2002), exige uma ligação de circularidade entre alguns imperativos interdependentes:

- 1 - Reproblemática dos princípios do conhecimento e problematização daquilo que aparentava ser a solução;
- 2- Reforma do pensamento por um pensamento complexo capaz de ligar, contextualizar e globalizar;
- 3 - Transdisciplinaridade.

Certamente, será preciso muito tempo, debates, combates, esforços para dar forma a esse novo paradigma que começa a ser efetuado aqui e ali na desordem, sendo necessário refletir sobre os sete saberes que são apontados por Morin (2003):

- O conhecimento
- O conhecimento pertinente
- A condição humana
- A compreensão humana

- A incerteza
- A era planetária
- A antropológica

A intenção do presente estudo é investigar o saber que diz respeito à compreensão humana, em que o autor ressalta a necessidade do autoconhecimento, afirmando: “Para compreender o outro, é preciso compreender a si mesmo” e que ampliamos: “Para o homem compreender a sua relação com o meio ambiente é necessário compreender a si mesmo”, com isso incentivando a auto-análise, ou seja, buscar os processos psíquicos, as recomposições identificatórias, que poderiam colaborar com a capacidade auto-organizadora do sistema psíquico. Recomenda Morin (2002): “A Psicanálise é, certamente, um bom método, mas é o psicanalista, depositário de um saber, que vai permitir ao paciente descobrir finalmente o segredo envolvido”.

Entretanto, um século depois da descoberta da psicanálise, parece imprescindível confrontá-la com esta nova forma de pensamento, em que os modelos atuais das ciências muito contribuirão para esse campo.

Nosso objetivo é, uma vez abordada a complexidade biológica, observando o “si e *autos*”, poder entender a noção de sujeito, trazendo à discussão a interdependência sujeito-objeto, e assim, ao questionar o sistema psíquico como um sistema aberto, buscar um entendimento do processo de identificação sob a luz das duas doutrinas.

O presente trabalho se justifica pela busca de respostas ao questionamento que o pensamento complexo traz à psicanálise. Focamos na busca do autoconhecimento por entendermos ser esse, um dos fatores que contribuem para o aumento da complexidade da auto-organização interna. Acreditamos que o sujeito ao desenvolver com o seu meio exterior, interações que envolvam menor entropia, permitirá emergir na psique um agente motivacional (Eros) que se associará a condutas e valores voltados para uma nova Educação Ambiental.

2 - RETROAÇÃO E SISTEMA ABERTO

Vivemos um paradoxo: se aplicarmos a visão científica “clássica” à sociedade, nos deparamos com determinismos. Segundo Morin (2005), esse tipo de conhecimento exclui toda a

idéia de autonomia nos indivíduos e nos grupos, exclui a individualidade, exclui a finalidade e exclui o sujeito. Segundo o autor, para vivermos de forma diferente, precisamos de um método que saiba distinguir, mas não separar e dissociar, e que saiba promover a comunicação do que é distinto.

Nessa modificação do pensamento, é preciso pensar os focos cibernético de N. Wiener e sistêmico de L. von Bertalanffy, que nos trazem os conceitos de “retroação”, a qual efetua um rompimento com a causalidade linear, fazendo-nos conceber o paradoxo de um sistema causal cujo efeito repercute sobre a causa e a modifica, aparecendo a causalidade circular. Nas causalidades retroativas, permitimo-nos conceber a constituição de uma causalidade interna ou endocausalidade, que, de certo modo, emancipa o organismo das causalidades externas, embora sofra seus efeitos. Uma outra idéia é que o todo organizado dispõe de propriedades, até mesmo no nível das partes, que não existem nas partes isoladas do todo. São as propriedades “emergentes”, que, uma vez produzidas, retroagem sobre as condições de sua formação. Portanto, a idéia cibernética de retroação e a idéia sistêmica de emergência nos permitem conceber, ao mesmo tempo, a idéia de organização, a autonomia de uma organização. A teoria dos sistemas de Bertalanffy revelou também uma outra idéia importante para o nosso estudo, a idéia de “sistema aberto”: um sistema que está aberto energeticamente e às vezes informacionalmente para o universo externo, ou seja, que pode alimentar-se de matéria/energia e até de informação. Um sistema aberto pode alimentar sua autonomia, mas diante da dependência em relação ao meio externo. Um ser vivo é um sistema aberto: se sua energia é constante, é porque a quantidade de energia que entra no sistema (em forma de alimento, por exemplo) é igual a que sai (em forma de calor ou na execução de trabalho). Quanto mais um sistema desenvolver sua complexidade, mais poderá desenvolver sua autonomia, mais dependências múltiplas terá. Outro conceito importante é o de “auto-organização” viva, que é uma organização que incessantemente se auto-repara, se auto-organiza. Segundo Aulagnier (1991) teorias sobre o sistema nervoso central mostram que o cérebro humano, sendo um sistema aberto, tem o poder e a missão de transformar ruído em informação, culminando em um ganho de complexidade que pode ser atribuído à sua própria auto-organização. Uma parte dos estímulos externos e internos são metabolizados em informações libidinais, cuja tarefa é conduzir um ganho de prazer. Tal ganho exigirá, por parte do aparelho psíquico, manobras cada vez mais complexas, que obriguem o mesmo a tomar

conhecimento e a levar em conta condições, coerções e escolhas, que deverão ser respeitadas para alcançar ou se aproximar desse fim .

3 - AUTO-ORGANIZAÇÃO

A vida apresenta-se macroscopicamente de forma tão paradoxal como se apresenta microscopicamente a realidade física, que parece de natureza ora ondulatória, ora corpuscular.

Morin (2005) concebe a vida em seu duplo rosto generativo (genético, genotípico) e fenomenal (individual, fenotípico) como auto-organização, ao contrário da concepção clássica, para a qual o determinismo é sempre externo aos objetos, por conseguinte, aos seres. É uma auto-organização ou autoprodução que não exclui a dependência em relação ao mundo externo e é, de fato, uma auto-ecoorganização, com a idéia de retroação, portanto de um efeito retroagindo sobre a causa e tornando-se causal, e com a idéia de regulação, portanto de uma causa interna de constância num sistema – a idéia de uma endocausalidade (Morin, 2005) interagindo com as causalidades externas (exocausalidades) para suscitar e manter a autonomia de um sistema. Para entendermos melhor o conceito de auto-organização, o autor nos leva a alguns questionamentos e a seguir os esclarece.

O que significa auto? Percebe-se que não há conceito para significar essa propriedade que faz com que um ser, um sistema, uma máquina viva extraiam de si mesmos a fonte da sua autonomia muito particular de organização e de comportamento, sendo, ao mesmo tempo, dependentes – para efetuar esse trabalho – de alimentos energéticos, organizacionais, informacionais extraídos ou recebidos do ambiente. O que é, então, uma autonomia viva que não é autonomia senão porque, em outro nível, é ecodependência?

Para encontrarmos as respostas, segundo Morin (2005), é necessário entendermos alguns conceitos:

1. Auto(geno-feno)organização

Para Morin (2005), a auto-organização é uma organização que organiza a organização necessária a sua própria organização. É uma organização que incessantemente se auto-repara, se

auto-organiza (reproduzindo as moléculas que se degradam e as células que se degeneram). Essa organização, como se descobriu, é programada geneticamente, mas ninguém fabricou do externo esse programa; ele se autoproduziu com a autoprodução da vida e se desenvolveu com o autodesenvolvimento da vida.

Não se pode conceber a organização generativa e a organização fenomenal como duas organizações distintas, nem as reduzir a uma entidade recorrente indistinta.

De um lado, o pólo generativo, o da regeneração e da reorganização permanentes, da reprodução periódica; do outro, o pólo fenomenal, o da práxis de um ser vivo, da organização de suas trocas e de seu comportamento num ambiente. Num pólo, a reprodução (o aparelho sexual), ou seja, a sobrevivência da “espécie” no tempo; no outro, o metabolismo (o aparelho neurocerebral), a troca no instante, o comer, a ação, isto é, o “viver”.

Assim, segundo o autor, no formidável desenvolvimento da individualidade fenomenal própria dos vertebrados, vêm-se constituir dois aparelhos “epigenéticos” ao mesmo tempo dissociados e comunicantes, um destinado à reprodução, o outro à organização da existência fenomênica.

2. A auto-organização comunicante/computacional

Morin (2005) nos revela a idéia de que nenhum processo vivo, tanto o da organização metabólica como o da organização da reprodução, é concebível sem a ação de, pelo menos, um aparelho computante (e, no caso da ontogênese de um policelular, sem as interações entre aparelhos computantes das células que se multiplicam por mitose). Esse aparelho é radicalmente diferente dos computadores artificiais que são construídos pelo homem, que são programados por uns e utilizados por outros. Ora, essa idéia de computação é a idéia capital que vai permitir compreender o caráter logicamente original dos *autos*, o caráter surpreendente da individualidade viva: a existência de seres singulares, comportando cada um sua diferença empírica, cada um único *para ele*, cada um computando sua própria existência em função dele e *para si*.

3. O autocentrismo (auto-referência)

Para o autor, todo ser vivo, mesmo o menos complexo, é um indivíduo dotado de aparelho de computação. Contrariamente ao computador artificial, no ser celular há computação de *si, por si, para si*. Essa computação não é só auto-referente, embora seja fundamentalmente “egocêntrica”. Assim como um sistema auto-organizador é, ao mesmo tempo e necessariamente, um sistema auto-ecoorganizador, visto que precisa do ambiente para sua própria autopoiese, uma computação auto-referente é necessariamente eco-referente, isto é, deve ser capaz de tratar, examinar, calcular em informações os dados/acontecimentos que coleta no ambiente. Mas o que é importante é que essa computação trata esses dados como “objetos”, precisamente porque o ser computante se constitui como *sujeito*, no sentido que computa, decide, age de *si para si*. *Portanto, o importante é afirmação ontológica distinta, única, privilegiada, de si para si, que caracteriza todo ser vivo.*

A auto-referência comporta de forma distinta, ora complementar, ora concorrente e antagônica em seu princípio de identidade não só do indivíduo, mas também o processo de reprodução de que é portador, e o círculo dos *autos* pode alargar-se à progenitura, à família e à sociedade.

Para Morin (2005), mesmo no caso em que age para “os seus”, o ser vivo, da bactéria ao *Homo sapiens*, obedece a uma lógica particular que faz com que o indivíduo, por mais efêmero, singular, marginal que seja, se considere, *para ele*, o centro do mundo. Situa-se numa sede ontológica de que estão excluídos todos os outros, até mesmo seu gêmeo homozigótico, seu congênere, seu semelhante. Esse egocentrismo, que exclui de sua sede própria todo o outro ser, essa computação e esse *ethos para si*, há que reconhecer finalmente, fornecem a definição lógica, organizacional e existencial do conceito de *sujeito*. O *para si*, a auto-referência, o auto-egocentrismo são traços que permitem formular e reconhecer a noção de sujeito. A oposição do *si* e do *não-si* não é apenas cognitiva, é ontológica; cria dualidade entre um reino valorizado, centrado e finalizado, que é o do *si* sujeito, e um universo externo, útil ou perigoso, que é dos objetos. A dualidade sujeito/objeto nasce dessa dissociação.

4 - ENRAIZAMENTO CÓSMICO, SISTEMA ABERTO E AUTONOMIA

O que nos leva ao conceito de sistema aberto? A crise de conceitos fechados e claros (sendo que fechamento e clareza são complementares), isto é, a crise da clareza e da separação nas explicações. Nesse caso, há uma ruptura com a grande idéia cartesiana de que a clareza e a distinção das idéias são um sinal de verdade, ou seja, que não poder haver uma verdade impossível de ser expressa de modo claro e nítido. Hoje em dia, vemos que as verdades aparecem nas ambigüidades e numa aparente confusão. Mauro Ceruti, citado por Morin (2005), falou do fim do sonho em estabelecer uma demarcação clara e distinta entre ciência e não-ciência. Porém, esse é um caso particular da crise das demarcações absolutas; também há a crise da demarcação nítida entre o objeto, sobretudo o ser vivo, e o meio ambiente. No entanto, essa era a idéia que a ciência experimental impôs com sucesso, pois ela podia pegar um objeto, tirá-lo do seu meio ambiente, situá-lo num meio artificial, que é o da experiência, modificá-lo e controlar as modificações para conhecê-lo.

Para Morin (2005), não é suficiente não isolar um sistema auto-organizado de seu meio. É preciso unir intimamente auto-organização e eco-organização. A organização dos seres carrega a ordem cósmica, que nos criou à sua imagem, e na qual há auto-organização a partir da ordem e da desordem, e que, continuando a nos ser íntima, nos permitiu evoluir biologicamente alcançando a humanização, com sua cultura, linguagem, mitos e desenvolvimento técnico, em que a inteligência eleva-se ao nível do pensamento até atingir a mais extraordinária emergência: a consciência.

É neste momento, no seio das culturas e das sociedades que produzem o indivíduo e que são produzidas por esse indivíduo, que este evoluirá mental, psicológica e afetivamente.

Logo, a compreensão da autonomia levanta um problema à complexidade. A autonomia não era concebível no mundo físico e biológico, tanto assim que a ciência só conhecia determinismos externos aos seres. O conceito de autonomia só pode ser concebido a partir de uma teoria de sistemas ao mesmo tempo aberta e fechada; um sistema que funciona precisa de uma energia nova pra sobreviver, portanto deve captar essa energia no meio ambiente. Conseqüentemente, a autonomia se fundamenta na dependência do meio ambiente e o conceito de autonomia passa a ser um conceito complementar ao da dependência, embora lhe seja, também, antagônico. Aliás, um sistema autônomo aberto deve ser ao mesmo tempo fechado, para

preservar sua individualidade e sua originalidade. Ainda aqui, temos um problema conceitual à complexidade. No universo das coisas simples, é preciso “que a porta esteja aberta ou fechada”, mas no universo complexo é preciso que um sistema autônomo esteja aberto e fechado, a um só tempo. É preciso ser dependente para ser autônomo.

5 - PSIQUISMO, SISTEMAS FECHADOS, DETERMINISMO, ACASO E LIBERDADE (LIVRE-ARBÍTRIO)

Freud utilizou constantemente conceitos, imagens, metáforas de outras disciplinas. Segundo Hornstein (1996), da termodinâmica tomou a idéia de uma reserva energética cuja quantidade se desloca porém não varia, e imaginou uma quantidade de força libidinal, se não mensurável, pelo menos determinada e fixa. Mas o modelo do princípio de conservação de energia apenas é aplicável a sistemas isolados do meio ambiente. Para Hornstein (1996), a idéia de um psiquismo como sistema fechado, com uma energia constante, está nos levando a um estancamento da psicanálise.

Tanto epistemológica como ontologicamente, é preciso escapar de falsos dilemas: entre ordem e desordem, determinismo e acaso, sistema e acontecimento, permanência e mudança, ser e devir. Admitir um determinismo causal absoluto de tudo o que acontece no universo, de tal maneira que apenas nossa ignorância nos impeça de percebê-lo, postulando que todo fenômeno pode ser predito, seja de fato, a partir de leis causais que conhecemos, seja de direito, a partir de determinações ainda ocultas, implica negar ao novo a possibilidade de existir. Se o acaso, encontro não-previsível de séries causais independentes, não é mais que uma ilusão, devido a nossa ignorância de um determinismo escondido, então a possibilidade da emergência do novo, a realidade do tempo como portadora de um porvir imprevisto, é também uma ilusão (Atlan, 1990).

Poderia o acontecimento casual fazer surgir novas possibilidades de história, ou seria apenas um disfarce forjado pela compulsão à repetição, proposta por Freud, apenas um pretexto para o retorno idêntico do já inscrito?

O acaso intervém na constituição subjetiva e no devir histórico. O determinismo do século XIX, que se prolongou até este século, não admitiria essa influência. Seria preciso bascular, hoje, de um extremo ao outro? Seria necessário optar entre psiquismo determinado e um psiquismo aleatório?

O acaso existe na natureza ou é o resultado de nossa ignorância? Haveria acaso ontológico ou apenas um acaso por ignorância? (Atlan, 1990).

De acordo com Hornstein (1996), para a ciência atual, no momento de descrever a complexidade do mundo o acaso e as leis não se contradizem. Colaboram, alternando seu protagonismo: as leis, de forma constante; o acaso, de maneira pontual. O que é então a liberdade, o livre arbítrio? Segundo Hornstein (1996), para que haja liberdade, é preciso um universo de determinismos, constâncias, regularidades, nos quais a ação possa apoiar-se, mas é preciso que haja também potencialidades de jogo, aleatoriedades, incertezas, para que a ação possa desenvolver-se. A liberdade supõe, por conseguinte, determinismos e aleatoriedades. Essas são as condições externas da liberdade, que demanda condições internas importantes, ou seja, um aparelho neurocerebral capaz de representar uma situação, de elaborar hipóteses e estratégias. De acordo com Morin (2005), “Tudo que restringe as liberdades, restringe efetivamente as possibilidades de escolha”.

6 - COMPLEXIDADE E PSICANÁLISE POR L. HORNSTEIN

Freud, ao deparar-se com as alternativas determinismo e acaso, postulou as séries complementares:

Negamo-nos a considerar uma oposição de princípio entre as duas séries de fatores etiológicos; antes supomos a regular ação conjugada de ambas para produzir o efeito observado. Disposição e acaso determinam o destino de um ser humano; raras vezes, talvez nunca, o faz um só desses poderes. A distribuição de eficiência etiológica entre eles só poderá ser obtida individualmente e em cada caso. A série dentro da qual se ordenem as magnitudes variáveis de ambos os fatores terá também, sem dúvida, seus casos extremos. Segundo o estado de nossos conhecimentos, apreciaremos de maneira diversa a parte da constituição ou do vivenciar, no caso singular, e nos reservamos o direito de modificar nosso juízo, quando nosso entendimento mude (Freud, 1988c).

A meta da ciência, até o final do século passado, foi afastar o indeterminado, o impreciso, a complexidade; hoje, pelo contrário, inclusive a ciência, aposta-se em desentranhar a realidade, aceitando a incerteza, o aleatório, a indeterminação e a complexidade.

Atualmente as idéias de ordem e de determinação encontram-se enriquecidas e

pluralizadas, outorgando-se categoria conceptual à organização, que implica construção, produção e reprodução de ordem, assim como de desordem. Uma ordem complexa, que propõe um diálogo entre interação, ordem, desordem e organização.

O acontecimento aleatório (que se encontra na intersecção de duas cadeias de causalidade totalmente independentes) tem papel primordial nos sistemas complexos. A evolução dos sistemas afastados do equilíbrio depende de uma sucessão de bifurcações. Entre bifurcação e bifurcação, produz-se uma meseta², em que prevalecem as leis deterministas, mas antes e depois de tais pontos críticos, reina o acaso. Apenas por retroação é possível compreender o processo; durante seu transcurso não há mais do que incerteza. Para Hornstein, em momentos de instabilidade do psiquismo um acontecimento aleatório pode organizar uma cena e esta pode ter um efeito de bifurcação. No trabalho analítico, não rechaçamos o imprevisível, o casual, a desordem, senão dialogamos com eles. Consideramos a co-presença de acaso e determinismo. Em um psiquismo totalmente determinado não pode suceder nada de novo; por outro lado, um psiquismo totalmente abandonado ao acaso- fosse apenas desordem- não constituiria organização e não acederia à historicidade.

“Um psiquismo absolutamente determinado, da mesma forma que um psiquismo totalmente aleatório, são pobres e mutilados: o determinado porque seria incapaz de transformar-se, o aleatório, incapaz sequer de nascer” (Morin, 2005).

Freud, (1988b) em *Leonardo*, pergunta se não é o caso de escandalizar-se pelos resultados de uma indagação de conceder às contingências da constelação parental um influxo tão decisivo sobre o destino de um homem, e responde:

Creio que não há nenhum direito ao escândalo; quando se considera o acaso indigno de decidir sobre nosso destino, isso não é mais do que uma recaída na cosmovisão piedosa, cuja superação o próprio Leonardo preparou, ao escrever que o sol não se move. Naturalmente, nos afronta que um Deus justo e uma Providência bondosa não nos protejam melhor de tais contingências, no período mais indefeso de nossa vida. Assim, de bom grado esquecemos que na verdade tudo é acaso em nossa vida, desde nossa gênese pela união de espermatozoides e óvulo, acaso que como tal tem sua parte na legalidade e necessidade da natureza, só que não possui vínculo algum com nossos desejos e ilusões. A participação de nosso determinismo vital, entre as “necessidades” de nossa constituição e as “contingências” de nossa infância, talvez seja incerta em seus detalhes; porém, no conjunto, não há nenhuma dúvida sobre a significatividade, justamente, de nossa primeira infância (Freud, 1988c).

² - Meseta: situação próxima do equilíbrio.

Para a física clássica, os sistemas reversíveis e deterministas constituem o modelo conceitual por excelência; o aleatório e o irreversível eram admitidos apenas em casos excepcionais. Hoje se aceita a idéia oposta. Os modelos da física clássica utilizados por Freud valem somente para os sistemas próximos do equilíbrio. Perto do equilíbrio, as leis de evolução são lineares; longe, os processos se articulam em disposições singulares, sensíveis às circunstâncias, suscetíveis de mudanças qualitativas. Disposições que permitem dar sentido a uma idéia até agora inconcebível: explicar a novidade, sem reduzi-la a uma aparência (Prigogine; Stengers, 1990). Na lógica dos sistemas abertos auto-organizadores, o acaso desempenha um papel nada secundário. Pergunta-se Hornstein: Pode-se estender essa lógica ao funcionamento psíquico? O determinismo não é mais o que era. Com a descrição dos sistemas não-lineares, determinismo já não é sinônimo de previsibilidade. Não se trata de imperfeição de nossas observações; a imprevisibilidade corresponde à “hipersensibilidade às condições iniciais”; qualquer pequena variação no começo produz uma grande divergência no tempo. Como é impossível obter a precisão absoluta, o sistema evolui sob uma modalidade aleatória de fato, embora não é de princípio; é por isso que se propôs uma expressão paradoxal: caos determinista. O caos determinista é compatível com a teoria freudiana da retroação, segundo a qual os processos deterministas podem ser posteriormente reconstruídos. Antes são caóticos.

Diante de perturbações aleatórias o sistema, ao invés de ficar destruído ou desorganizado, reagir com um aumento de complexidade, é definido como auto-organizador. A lógica dos sistemas abertos auto-organizadores se expressa no acaso organizativo como o princípio de complexidade pelo ruído. Combinam o acaso das flutuações e a necessidade das leis. Pequenas flutuações podem, se produzidas em circunstâncias oportunas, engendrar um novo regime de funcionamento. Foi substituído o paradigma clássico, que identificava crescimento de entropia com evolução para a desordem.

Sob o efeito de tais perturbações, habitualmente desorganizadoras, certos sistemas podem reorganizar-se com propriedades novas e imprevisíveis *a priori* (Atlan, 1991). O recalque originário à passagem do eu-prazer ao eu-realidade, o sepultamento do complexo de Édipo, a metamorfose da puberdade e todo luto que produz uma recomposição identificatória não seriam processos de auto-eco-geno-feno-organização?

Para Hornstein, a identificação (entre outros processos psíquicos) é pensável como auto-organização. Escreveu Freud (1988g): o caráter do eu é uma sedimentação dos investimentos de objetos renunciados; contém a história dessas escolhas de objeto. Mediante a identificação, o eu se apropria dos investimentos objetais: “Este eu tramita os primeiros (e por certo, também os posteriores) investimentos de objeto do isso, acolhendo sua libido no eu e ligando-a à alteração do eu produzida por identificação”.

A identificação percorre a economia libidinal para conservar aquilo que o princípio de realidade obriga a abandonar: o eu impõe-se como objeto de relevo, transformando o desejo em relação ao objeto em investimento egóico (narcisismo secundário).

Freud, (1988h) descreve assim o sepultamento do complexo de Édipo:

Os investimentos de objeto são renunciados e substituídos por identificação. A autoridade do pai, ou de ambos os genitores, introjetada no eu, forma aí o núcleo do supereu, que toma emprestada do pai sua severidade, perpetua a proibição do incesto e, assim, assegura o eu contra o retorno do investimento libidinal de objeto. As aspirações libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas, o que provavelmente acontece com toda transposição em identificação, e em partes são inibidas em sua meta e transformadas em moções ternas.

O psíquico situa-se entre o cristal e a fumaça, enquanto possui uma estrutura determinada, mas pode modificar-se e adquirir novas propriedades. O cristal é o modelo de redundância, da repetição rígida, e a fumaça é a metáfora da variedade, da imprevisibilidade (Atlan, 1992).

A vida é o equilíbrio instável entre o risco de destruição pela desordem e o da rigidez por excesso de redundância: “Há seguramente uma morte do psiquismo por desintegração, morte pela pulsão, mas há também morte do psiquismo pela rigidificação e síntese excessiva, morte do psiquismo pelo eu” (Laplanche, 1990).

A auto-organização explica os incessantes processos de mudança em um sistema dado a partir dos ruídos que perturbam o equilíbrio do sistema. Os sistemas auto-organizadores acham-se em um estado ininterrupto de desorganização-reorganização, em que os estímulos-agressões são tanto um risco de desorganização como aquilo que preserva a vitalidade do sistema. Finalmente, para Hornstein (1996), a vida psíquica não é estável, a mudança é permanente, os

processos psíquicos resultam de um compromisso de forças simultâneas ou sucessivas de desorganização e reorganização. O sofrimento é tanto uma necessidade como um risco: é uma necessidade, porque obriga a psique a reconhecer a diferença entre a realidade e a fantasia; é um risco porque a psique, diante do excesso de sofrimento, pode desinvestir aquilo que o causa ou seja confundir a realidade com a fantasia.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Freud, o conflito Eros-pulsão de morte é a matriz do desenvolvimento da vida psíquica. Ao explicar as pulsões, em suas formulações, prevaleceu o aspecto conservador das mesmas, seguindo os princípios da termodinâmica de sua época considerando a energia libidinal segundo os determinismos do princípio da conservação da energia. Porém, em seus últimos trabalhos, desconfiou que algo não se encaixava. Percebeu que a meta de Eros, pulsão de vida, não é recuperar um estado anterior, mas aponta para algo que não havia sido vivido, a “novidade”. Na pulsão de morte, a compulsão a repetição, o “conservador” ajusta-se ao movimento desintegrador e regressivo que trata de restabelecer um estado anterior pela destruição de tudo que veio posteriormente; contudo, para a pulsão de vida, trata-se de conservar o passado, integrando-o em organizações e unidades mais amplas e mais complexas. Uma fusão pulsional de sucesso obtém a permanência do passado no presente, possibilitando a historicidade da vida psíquica, em oposição a uma renovação que não conservasse nada do passado. O que outorga um valor historizante a Eros é a articulação da repetição com a diferença. Pensar o psiquismo como um sistema fechado, com uma energia constante é um ponto de estancamento para a reflexão psicanalítica. Os estudos atuais mostram que um sistema aberto pode conduzir não ao equilíbrio, mas a uma maior complexidade. Se pensarmos a psicanálise, opondo-se a uma economia pulsional de recursos fixos e permanentes podemos juntamente com Morin (2005) e outros, postular uma doutrina transdisciplinar onde não só a evolução autogerativa desempenha papel capital, mas também o acontecimento, já que Freud, na busca da elucidação antropológica, tende a procurar um acontecimento original de onde proviria toda a sistemática humana e social. Segundo Morin (2005), Freud encara a hipótese do assassinato do pai pelo filho como fundação de toda sociedade humana pela instituição conjunta da lei, a proibição do incesto e do oculto.

Para o autor, Freud percebe muito bem que existe em toda evolução, talvez desde a criação do mundo, relação entre o traumatismo e a modificação estruturante geral de um sistema. Se considerarmos agora o freudismo pela outra extremidade, isto é, já não a partir da busca de uma teoria das origens da relação social, mas do lado da teoria dos indivíduos, isto é, das personalidades em meio a um mundo socializado, veremos que a formação da personalidade vem do encontro entre um desenvolvimento auto-generativo e o ambiente. O papel capital dos traumatismos é realçado. Ora, os traumatismos são precisamente alguns dos choques que provêm do encontro entre esse desenvolvimento autogerado e o mundo externo, representado pelos principais atores que intervêm no processo generativo, ou seja, o pai e a mãe, os irmãos, as irmãs e outras figuras substitutivas. Acontecimentos decisivos marcam a constituição de uma personalidade. Uma personalidade não é só um desenvolvimento autogerado a partir, por um lado, de uma informação genética, e por outro lado, de uma informação sociocultural. Percebe Morin que a conjunção de temas conflituosos provenientes da informação genética (hereditariedade), outros da informação sociológica (cultura), é por si mesma potencialmente generativa de conflitos. E esses conflitos já constituem acontecimentos internos invisíveis. Assim, segundo o autor, o desenvolvimento é uma cadeia cujos elos são associados por dialética entre acontecimentos internos (resultantes dos conflitos interiores) e externos. É nesses entrechoques perturbadores que aparecem os traumatismos fixadores que vão desempenhar papel capital na constituição da personalidade. A terapêutica freudiana exige fundamentalmente não só a elucidação da causa original do mal de que sofre o organismo inteiro, isto é, o encontro do traumatismo esquecido (ocultado), mas também um novo acontecimento, simultaneamente traumático e destigmatizante, que seja tanto a repetição quanto a expulsão do acontecimento que desregulou e alterou o complexo psicossomático.

Para Morin (2005), a personalidade se forma e se modifica em função de três séries de fatores:

- 1 - Hereditariedade genética;
- 2 - Herança cultural (em simbiose e antagonismo com o precedente).
- 3 - Acontecimentos e aleatoriedade.

Conviria examinar, juntamente com a psicanálise, como, num sistema autônomo que deve ser ao mesmo tempo fechado para preservar sua individualidade e aberto pois precisa energia para sobreviver, a associação antagonica ou heterogênea da hereditariedade genética e da herança

cultural, fonte permanente de acontecimentos internos, permite ao acontecimento-aleatoriedade desempenhar um papel na formação do sistema biocultural que constitui o indivíduo humano.

É nesse ponto que interferem os processos organizadores e que emergem as qualidades de vida. Os indivíduos-sujeitos são os seres emergindo na realidade fenomenal. Entendemos que a partir da noção de indivíduos-sujeitos e por indivíduos sujeitos, onde se operam todos os processos de reprodução, o pensamento complexo se entrelaça na psicanálise, sabendo-se que esse sujeito computante reconhece, conhece, computa, decide, mas não é “consciente” de si mesmo e como já afirmava Freud : “O sujeito, mesmo, está no inconsciente”.

Como apresentá-lo ao consciente na busca do autoconhecimento? Para Morin, havendo na própria estrutura do ser-sujeito dualidade potencial, a partir de uma cisão cromossômica, em que a célula se divide em duas e multiplica-se por dois, é nessa capacidade, que aparece em nosso aparelho cerebral pela capacidade de rememoração em representação ou imagem, que existe no nível da memória generativa uma capacidade de desdobramento, drástico, físico, organizacional, biológico. Se o ego pode criar um ego-alter, isto é, um outro ele mesmo, é porque se pode refletir num alter-ego, isto é, num ele mesmo outro.

Contudo, como diz Morin (2005), “cada um exclui o outro de sua sede subjetiva e age por si mesmo. Entretanto, há uma possibilidade de comunicação por identificação entre os dois”.

Cada ser vivo é então portador de um princípio de exclusão de sua sede subjetiva e de um princípio de inclusão do congêneres no circuito ampliado de seu *autos* subjetivo. Neste ponto do estudo, tentamos estabelecer um elo de ligação da complexidade vista por Morin e o conceito de identificação proposto pela psicanálise, onde a psique, como um sistema aberto, através de um intercâmbio constante com o exterior a si mesmo realiza uma aliança entre a permanência e a mudança, entre um núcleo de identificação e de constelação fantasmática e as transformações inevitáveis que exigem os encontros com “fora de si”, na medida que está “condenada” a investir outros sujeitos, outras realidades. Aqui, deparamo-nos com a teoria sistêmica propondo um melhor conhecimento da personalidade, que, por ser em parte inconsciente, deverá ser revelada pelo psicanalista. Esse, observando as retroações, ao analisar as associações genéticas e culturais refletidas pelos mecanismos de identificação do sujeito, poderá, diante de episódios casuais e/ou determinísticos, interpretar a emergência da novidade que, associada ao passado, *complexificará Eros* com a nova historicidade. Entendemos que muito deverá ser estudado a respeito da complexidade do inconsciente e da fusão pulsional. Nossa *alma* não é *simples*, envolve uma

variedade de impulsos que forcem sua execução, de maneira independente um do outro, que combinados com uma variedade de pulsões e de vínculos com o mundo exterior, poderão ou não, como pensava Freud (1988a), ser conciliáveis entre si. Logo, acreditamos que a psicanálise poderá, através dessa prática, em muito contribuir para uma melhor compreensão humana, pois o autoconhecimento ao colaborar com a auto-organização da psique permitirá que o sujeito, ao realizar suas atividades dentro da totalidade natural e social, faça emergir novos paradigmas que venham a contribuir com a Educação Ambiental.

REFERÊNCIAS

- ATLAN, H. *Entre o cristal e a fumaça*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992
- _____. *Con razón y sin ella*. Barcelona: Tusquets, 1991.
- _____. *Postulats méthaphysiques et méthodes de recherché*. In: La querelle du déterminisme. Paris: Gallimard, 1990.
- AULAGNIER, P. *Los dos principios del funcionamiento identificador: permanencia y cambio*. In: *Cuerpo, historia, interpretación*. Buenos Aires: Paidós, 1991.
- FREUD, S. (1895) *Estudios sobre la histeria*. Obras Completas. t.2. Buenos Aires: Amorrortu, 1988a.
- _____. (1910) *Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci*. _____.t.11._____, 1988b.
- _____. (1912) *Sobre la dinámica de la transferencia*. _____.t.12. _____, 1988c.
- _____. (1923) *El yo y el ello*. _____. t.19. _____, 1988g.
- _____. (1924) *El problema económico del masoquismo*. _____.t.19. _____, 1988h.
- HORNSTEIN, L. Determinismo, temporalidade e devir. In: SLAVUTZKY, A. et al. *História, clínica e perspectiva nos cem anos da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LAPLANCHE, J. *La cubeta. Transcendencia de la transferencia*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget; Ed. Best Seller, 2005.
- _____. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- PRIGOGINE, I., STENGERS, I. *Entre el tiempo y la eternidad*. Madrid: Alianza, 1990.